



O Gaiato

3 DE DEZEMBRO DE 1966
ANO XXIII — N.º 593 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Eng.º Duarte Pacheco

Estou a vê-lo debruçado sobre seu estirador, cigarro na boca, olhos de quem pensa, pensando. Estou a vê-lo em seu retrato furtado à vista de outra grande Amiga, que Deus chamou há dias: A Senhora Dona Domitila de Carvalho.

Que estaria ele pensando, debruçado sobre projectos no seu estirador, de lápis na mão, pronto a corrigir, a aperfeiçoar? No seu rosto um sorriso. Para os grandes activos, trabalhar é felicidade. Mas talvez o sorriso exprimisse, também, a alegria da obra que ia ser, que o grande realizador confiava que fôsse...

Polo de atracção de confiança, ele foi um homem que confiou! Este é, para nós, o título de permanência da sua lembrança que, vinte e três anos depois, ainda não marchou.

Que bela a confiança! Que fecunda ela é!

Decerto Pai Américo teria sido sem ele, tal como dele li há dias: um homem «de vontade férrea, um dos aiaís operosos e dinâmicos da nossa geração». Sê-lo-ia, porque realizador em nome de Deus. Mas, de facto, o Senhor serviu-se de Duarte Pacheco e da sua intuição e da sua confiança, como instrumento que deu asas a Pai Américo e o lançou nas alturas em que Ele queria que voasse. Pai Américo o confirmou muitas vezes: Que sem o empurrão de Confiança que recebeu de Duarte Pacheco, talvez não tivesse tido a audácia com que começou Paço de Sousa e a grande expansão da Obra. Tê-la-ia — repito — porque o Senhor ter-se-ia servido de outro instrumento! Mas, uma vez que foi este, nós devemos amá-lo, como a tudo de que Deus Se serve para que nasça a Obra do sonhar do homem aquilo que Ele quer.

Duarte Pacheco não é, pois, apenas um nome com que foi baptizada a avenida desta Casa. Ele é uma pedra viva de toda esta construção. E porque queremos que o seja no edifício da Igreja dos Santos, eis que todos os anos no Altar da nossa Capela, que «é o Centro», o seu nome é lembrado com uma confiança tão grande na misericórdia de Deus, como foi a sua na honestidade substancial e na capacidade realizadora de Pai Américo.



CASA DO GAIATO DE MALANJE. LAGOA, BARQUITOS E REMOS, SÃO PASSATEMPO PREDILECTO PARA AS HORAS DE ÓCIO.



PATRIMONIO dos Pobres

É uma das facetas que mais aprecio no Património dos Pobres — já o tenho confessado várias vezes — este intercâmbio que ele fomenta; intercâmbio mais de ideias e de inquietação do que de dinheiro. Aqui, uma vez mais, o dinheiro tem o seu lugar servil, instrumental: é o veículo que leva e traz sinais de anseios de Justiça Social, que a Caridade acorda em corações debruçados sobre as necessidades dos Pobres.

Ora escutem este retalho de carta de um Pároco:

«Mais uma vez a apresentar-lhe o Rosário das lamentações dos meus paroquianos, pedindo que os ajude a concretizar suas iniciativas.

O exemplo arrasta. E, felizmente, nesta Paróquia, ultimamente, os artistas têm construído as suas casitas, com economias, auxílios de amigos e dando-se trabalho uns aos outros».

E fala-me de um padeiro e de um cordoeiro e de um ferroviário e de um pedreiro. E acrescenta: «As obras de pedreiro já estão quase prontas. Depois, seguem-se os carpinteiros. E, cobertas as casas, lá se recolhem e vão-nas acabando conforme as economias do seu suor.

Estes rapazes, desde que pensaram nas suas casitas, têm-se modificado imenso. Agora, vivem ansiando só vê-las construídas e tudo subordinam a este desejo».

Fui eu que sublinhei este parágrafo, para pôr no seu lugar a fundamental importância deste construir. Casas?... Já era muito! Mas construir homens é muito mais!

E o testemunho deste Pároco recorda-nos muitos outros semelhantes. Homens que desconheciam e não acreditavam nas suas possibilidades. Que não acreditavam no poder da solidariedade, que o Povo de fine tão bem: «A união faz a força». E agora acreditam. Acreditam-se como realizadores diante da sociedade a que

Não é a primeira vez que nestas colunas se debate o problema da literatura infantil e juvenil. Infelizmente não se pode dizer que haja melhoria do estado de coisas ou se pressintam resultados satisfatórios em face das medidas tomadas pelos responsáveis.

À nossa frente temos um dos volumes de certa colecção, editada na Capital, em que o escabroso e o sensual se entrelaçam, sem o mínimo respeito pelos valores de espírito e em que a classificação de indecente pecará por defeito. Como este pululam para aí milhares de exemplares, a baixo preço, ante a apatia de quem deveria velar pelos costumes. E não só do Brasil nos chega, como se vê, mercadoria desta.

Sobretudo nos grandes centros, em «livrarias» de vão de escaada, em qualquer buraco disponível, na rua, ou à maneira ambulante, proliferam as mais diversas publicações para jovens, sem o mínimo nível moral e tornadas acessíveis às mais fracas bolsas. Além da venda directa, não será difícil encontrar o

Aqui, Lisboa!

regime de troca ou até o de aluguer e, para quem estiver mais atento, não será ímpar constatar que se oferecem à meia voz «especialidades» ou livros ditos «proibidos» para mais facilmente aguçar o apetite dos incautos. Sabemos, por outro lado, que na origem deste negócio estão interesses criados de muitos, para quem os meios não estão em causa para atingir os seus fins lucrativos.

Histórias de quadrinhos, romancetes piegas, ilustrações duvidosas, etc., quando não fazem descaradamente a defesa ou a apologia do mal, mostram-se neutros ou dando lugar à inversão de princípios. A impureza, a perversão sexual, o adultério e o amor livre estão na base do êxito obtido. Em vez do espírito de sacrifício e das qualidades de trabalho induz-se a ideia do fácil: provoca-se confusão nos espíritos substituindo a lealdade pela falsidade de carácter; a noção de honra é

CONTINUA NA PÁGINA TRÊS Continua na página DOIS

UMA QUEIXA

Foi sempre; mas torna-se cada vez mais difícil dar critério à juventude, no remar contra a torrente de desajudas que o mundo dos homens grandes deixa correr à solta.

Refiro-me hoje às publicações ilustradas ou por ilustrar que abundam por aí e não ilustram nada a actividade editorial num país civilizado, a não ser que esta conte somente para a Estatística como negócio de produção e venda. Ora se há espécies de actividade capazes de efeitos muito dispare, a literária é uma delas. Quanto bem se não podia fazer pelas letras! E quanto mal se não faz!

Não é o mais directo objectivo da minha queixa o procuradamente corruptor. Isso faz mal, sem dúvida, mas não é a pior. Pior é a mistura do bem e do mau. O disfarce do obscuro nas roupagens de uma decência aparente. O fácil, o banal — por isso mesmo factor de banalidade.

Quem me diria a mim que um dia em que trouxe para casa uma leva nova de livros, incluindo vários policiais, que têm o seu público, e pelos quais eu quereia trazer esse público ao gosto de ler, à necessidade de ler, e daí viesse a ser capaz de ler coisa melhor — quem me diria que trazia tanta papel impresso para queimar?!
Pois é verdade! E mais já ia acautelado de certas Editoras menos honestas, das quais conhecia exemplos de mercadoria imprópria para consumo!

Mas, repito, mais me preocupa essas histórias aos quadrinhos, sejam de violência ou de amores, que vão empestando o espírito de quem lê e dissolvendo-lhe o gosto da paz, a noção autêntica do amor.
De um Editor de respeito soube há tempo que em uma das últimas Feiras do Livro, em Lisboa, uma Editorial de fãncaria, vendeu 400 contos de brochuras a 1\$00 cada uma. Coisa preciosa, com certeza, para a cultura e elevação espiritual dos portugueses!!!...

Valha-nos Deus! Se há uma Intendência dos Abastecimentos, para fiscalizar a qualidade daquilo que entra pela boca e se transforma em carne — quão mais urgente não é uma Intendência que vele pelo que entra no espírito do homem e o deforma!

Eu passo a minha vida a rasgar foto-novelas, revistas femininas, brochuras de anedotas sem humor mas peçadas de porcaria! Que admira que os nossos Rapazes se teiam, se essa mercadoria se oferece à descarrada e até por um preço que não é proibitivo?!

Há anos fiz uma assinatura de uma revista de cinema, séria, desempoeirada, moderna. Com ela queria suprir a falta das desonestas, mal intencionadas, informativas dos escândalos das vidas privadas, não portadora de uma informação que forme em quem lê uma autêntica cultura cinematográfica. Pois a revista acabou, por insucesso comercial. As outras, que continuo a rasgar, prosperam.

É que dizer desses semanários sensacionais que gastam a caixa alta das suas tituleiras a relatar despeitos, misérias morais, serviços infelizes — roupa suja que mais se preocupam em expor, do que falar em feridas sim, para as curar?! Pois também este género literário tem o seu público. De modo que há gente que segue tão interessada os reais ou inventados ciúmes de cançonetistas, ou os prejuízos dos clubes por via dos seus dirigen-

Educar na acção e pela acção. Toda a gente sabe e diz que, no fundo, na base dos problemas humanos, está o problema da educação. Para se educar alguém podem empregar-se os mais variados métodos. Há muitas escolas e há muitas pedagogias. O homem é um ser difícil, porque é um ser livre e onde entra a liberdade, entra o imprevisível e tantas vezes, o totalmente inesperado. Não se pode lidar com **homens** como se eles fossem coisas. Na obra da educação sempre se confiou muito na palavra, no discurso, no sermão, na conferência, nos conselhos, nas ditas «chamadas a capítulo» e, agora, no jornal, no cinema, na televisão. Quem poderá negar a grande força de todos estes meios? Diz-se e repete-se que nada para a educação como o **exemplo**. Com certeza, o exemplo é um meio poderosíssimo de educação. Mas, mais que a **palavra** é que o **exemplo**, terá uma influência decisiva, em educação, a **acção do próprio educando**. Pelo menos em muitos casos, falar muito é cair no ridículo, castigar é perder tempo, emprestar ou dar livros, revistas ou jornais, com uma finalidade bem determinada, será ainda de efeitos práticos muito menos decisivos do que se julga. Não menosprezando todos os meios que uma longa tradição e o exemplo dos mestres consagrou, as pessoas mais experimentadas e inteligentes apelam hoje muito mais para a **acção do próprio** que se quer educar. Um passivo não se

tes, ou as lutas entre cangalheiros, como o campeonato de futebol! E nisto se gasta e se consume o interesse de ler de uma larga percentagem do nosso Povo! Para isto, mais lhe aproveitaria permanecer na larga percentagem de outrora, analfabeto.

Deus queira que esta nossa queixa, em nome de uma Família de jovens que é a mais numerosa de Portugal, chegue até quem de direito. E aí, sem se olhar a interesses criados de alguns que deviam respeitar, ao menos, os seus pergaminhos literários, se corte a direita a bema da educação nacional!

P. S. — Esta «Queixa» coincide, na essência e na forma, com o «Aqui Lisboa» que aí vai. Não é a primeira vez que coincidências destas surgem, a revelar que o Espírito sopra onde quer e como quer aquilo que quer que os homens digam. E porque estes são imperfeitos, incompletos, no dizer, Ele provoca estas variações sobre um mesmo tema.

Mas há ainda uma razão para não deixar de fora esta «Queixa» (e lá vai outra!): É que os nossos padres parece que entraram no defeso e não escrevem. De modo que não encontro forças para inutilizar a prosa já feita.



Auto-Construção

educa. Agir, em ordem a um determinado fim é ainda a melhor maneira de se ganhar vontade, energia e decisão. Auto-Construção, ao mesmo tempo que exerce uma finalidade social, exerce uma finalidade educativa. É através da acção, e uma **acção difícil**, duradoura, feita em colaboração com uns tantos, empregando o melhor possível as horas livres, que o movimento

Património dos Pobres

Continuação da página UM

pertencem. E acreditam-se aos seus próprios olhos! De que audácias não serão capazes estes que venceram nesta prova da construção da sua casinha, ao verem-na feita?! De que generosidade se não sentirão devedores a outros que, como eles, querem ressuscitar, estes que não sofreram a solidão ao ressurgirem?! Um homem que confia em si, fundado no que realizou, e humilde, porque sabe que quanto fez é o fruto de muitas boas vontades ordenadas ao mesmo fim — que enriquecimento não representa para a Pátria? Não se tem visto valorizar assim. E é por isso que os altos poderes ainda não olharam com olhos de ver e de ajudar para este heróico empreendimento que é o erguer de uma casa para abrigar os seus, feito por um chefe de Família que vive do seu salário. Quão pequenino ele é, a maioria das vezes! Mas a vontade deles é mais forte.

Sonharam um bem que Deus não pode deixar de querer — e o milagre acontece.

As vezes eu olho para trás (Até tenho medo de ficar estátua de sal!) — olho para trás e lembro-me daquela tentativa fracassada de recebermos do Totobola uma coisita de nada por cada matriz. Como se poderia — sem que a ninguém tal pesasse! — resolver o problema habitacional nas nossas aldeias! Que consequências salutares — só Deus as sabe! — não resultariam, talvez, a impedir o alastramento da ferida já bem sensível, que a intensa emigração dos últimos anos tem produzido! Que pena os homens serem pequeninos e terem medo que o Bem prejudique um bem!

Termino com este desabafo de outro pároco, tão impregnado de respeito pela pessoa humana e pela autonomia que se lhe deve facilitar no remediar dos seus próprios problemas:

«Ainda que a nossa Conferência esteja em deficit, desejava ajudar outra Família pobre a reparar a casa em que vive, único bem que possui».

Parece-me uma boa forma de assistência esta de não substituir, mas ajudar. Já o fizemos a três Famílias e creio que é de continuar. Em vez de hodos aos Pobres, temos feito outras obras de menor envergadura a mais Famílias».

Pai Américo remataria: — Eis!

Visado pela

Comissão de Censura

Padre Fonseca

Tribuna de Coimbra

Donde estou a escrever, sentado na Opel, ouço os rapazes a cantar em grupos. O «Perigoso» é o chefe das cantigas. Ele até as sonha. Não há cantigas que o «Perigoso» não cante. Não fosse ele o nosso afamado cantor das festas!

Andam em cima das oliveiras a respigar e a varejar azeitona. É azeitona que nos deram a apanhar. São oitenta rapazes, tantos quantas as oliveiras.

A manhã d'hoje foi chuvosa, mas a tarde está soalheira e convida a tal trabalho. Este é um serviço de que todos gostam, pois os outros trabalhos agrícolas estão a apeteecer pouco à nossa gente.

Andamos quase todos: os mais novos das oficinas, os poucos dos trabalhos agrícola-

las, os da escola primária, os mais pequeninos e até chegou agora o cozinheiro com os bois à sogá. Só não vieram nove que estão com gripe; esses ficaram de guarda aos dormitórios.

Com a nossa vida agrícola temos feito assim: quando o serviço aperta vamos todos. Pois não há gente para o campo e a mesa tem de ser posta quatro vezes ao dia.

Já apanhámos a azeitona que nos foi oferecida pela Câmara Municipal de Miranda do Corvo, como é seu costume. As nossas oliveiras este ano tinham pouco. Com todos estes aproveitamentos contamos arranjar azeitona para o ano todo.

Têm vindo ter conosco muitos proprietários a fazer

contratos para lhes apanharmos a azeitona, pois está a estragar-se e a perder-se e não há pessoal para contratar.

Vêm aflitos e voltam com a mesma aflição. Eles não sabem o que é uma Casa do Gaiato, mas sentem o pouco que o campo dá e ainda se perde, por falta de braços e por falta de tratamento.

Mas como se há-de pagar salários caros se os produtos agrícolas não rendem? E como se há-de fazer tratamento se os produtos para ele custam um dinheirão?

Eis dois círculos viciosos em que estamos metidos.

E os rapazes continuam a cantar como se não houvesse problemas...

Padre Horácio



OBRA DE RAPAZES PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Filhos

Antes que o nosso pensamento prossiga em nível mais jurídico, eu quero ir ao encontro de uma possível objecção do legislador, que é cristão e não recusará, por certo, a nossa tese de que até as leis dos homens são ilegítimas senão buscarem na LEI a sua causa motriz e exemplar.

Poder-nos-ia dizer: — Também, em relação a Deus os homens surgem no mundo em condição de ilegitimidade, dado que Ele os quer Seus filhos e eles não nascem tais.

— É verdade. Porém o querer de Deus é uma atitude de misericórdia e não de justiça. O homem não tem que ser filho de Deus. Essa dignidade não lhe compete por direito. É fruto do excesso do amor divino, que se compraz em adoptar a criatura que é à Sua imagem. Portanto, se ao criar o homem o fez parte da Família divina, é razoável que a rejeição do homem se transmitisse à sua descendência.

Mas nem esta rejeição desarmou o divino excesso de amor. E por isso Deus dispôs que ao homem fosse facultado o meio de renascer, agora filho Seu — e essa graça impõe a todos os que a receberam a fundamental inquietação de a proporcionarem aos que a desconhecem e por isso não beneficiam dela. É o excesso do amor a querer multiplicar-se no coração de cada homem, que, recebe da consciência de ser quem é o impulso vital ao amor dos outros homens, que é necessário tornar divinamente seus irmãos.

E a partir daquele acto de repetida misericórdia que é a possibilidade de renascimento oferecida a cada homem, este entra num estado de legitimidade — é filho de Deus na plenitude das consequências — e nele permanece, enquanto um acto formal, consciente, contra a LEI o não faz regressar à condição do homem-criatura em que se recolocou o primeiro pela sua livre opção.

E ainda a Misericórdia encontrou e ministra ao homem um meio de remediar a brecha aberta pelo seu acto ilegítimo e de o reconstituir por este novo acto de reparação no estado de legitimidade que por sua culpa perdera.

Esta é fórmula divina em que a Misericórdia prevê e vai sempre além da Justiça. Esta é a fórmula modelo para as leis dos homens.

Retomemos aqui o pensamento deixado no artigo anterior sobre: a ilegitimidade — consequência de um acto ilegítimo que só ao seu autor se pode racionalmente imputar; e a legitimidade — estado em cuja posse se pode entrar por um acto, sim, mas que tem de ser conservado pela sucessão dos actos que não dispensam o possuidor da vigilância e do desejo sincero de nunca se decidir contra a lei.

Que me seja perdoado o recurso à sabedoria do Povo. Mas

este pensamento é o que se exprime ao afirmar-se em desabono de alguém: «Ganhou fama e deitou-se a dormir».

Não, a vida do homem sobre a terra é luta. Ai do lutador que adormece no campo de batalha. Perdê-la-á.

O legítimo não pode adormecer sobre os louros do acto que o introduziu em legitimidade. Tem de permanecer atento para não decair desse estado; tem de o merecer na repetição continuada das suas acções conformes à lei.

ilegítimos?

Ora se um homem não nasce com direito a chamar Pai a Deus e esse direito lhe vem de uma assunção à ordem sobrenatural, nasce com o direito natural — e esse, sim, é direito em estrito sentido, porque de natureza! — de chamar pai ao homem que o gerou.

O legislador confessa, ao estabelecer e justificar as bases do seu trabalho, que «é patente que a lei não pretende construir noções jurídicas à margem da realidade natural, nem introduzir elementos fictícios ou aberrantes aos factos da vida real, ou

substituí-los aos requeridos pela essência das coisas».

Mas que coisa é, senão «realidade natural», «factos da vida real», esta: que ninguém nasce sem pai ou mãe?!

Não será exactamente «construir à margem desta realidade, introduzir elementos fictícios ou aberrantes», atribuir na lei, arbitrariamente, a designação de ilegítimo a quem nasceu de um acto semelhante ao por que nascem todos os homens, somente porque esse acto foi realizado fora da lei?!

Será conforme à natureza aceitar que se inscreva no registo um novo cidadão sem o nome do pai (às vezes, até, dos pais) sem se ter esgotado, antes, todas as diligências para conhecer tal nome — a que uma procura conscienciosa e os recursos da ciência talvez possibilitassem?!

E no entanto a lei aceita de mãos cidas, passiva. E de facto não constrói à margem da realidade natural, porque está consentindo uma destruição potencial de grande e respeitável parte da sociedade cujo bem pretende e deve regulamentar.

Aqui Lisboa

Não é qualquer indivíduo que está capacitado para tal.

Admira-nos que, na matéria em causa, os responsáveis pareçam adormecidos. Quem vende produtos deteriorados vai para o Tribunal dos mixordeiros, com toda a razão. Porque não entregar a Tribunais competentes aqueles que matam a alma ou a procuram minar?

Diz-se à boea cheia haver interesses de personalidades gradas neste assunto, das publicações à venda. Porque não esclarecer a opinião pública? Aqui há tempos, num comunicado especial, soube-nos, pelos jornais, estarem certos nomes envolvidos na edição de obras menos dignas. Como nunca mais se disse nada e não vimos quaisquer consequências práticas, será que o caso morreu?

Como responsável por uma Casa de Jovens, em seu nome e no nome de todos aqueles para quem os valores do espírito não são letra morta, como português que ama entranhadamente a sua Terra, como cristão e como Padre, neste cantinho de «O Gaiato», a bem da Nação, se alinhavaram estas palavras, dirigidas a Quem possa tomar providências.

Respostas ao postal-aviso da NOSSA EDITORIAL

Não vem dia ao mundo sem respostas ao célebre postal-aviso. E são de muitas e variadas formas. Até pessoalmente! Ora vejamos os senhores como toda a gente vai tomando a peito a iniciativa.

Não queremos deixar perder o fogo. Vamos até onde nos arrastarem. E enquanto ele crepitar, estaremos de plantão, nas vigias.

Há dias, um casal africanista bateu à porta. Sorriso nos lábios. Eram livros! «Ainda têm livros do Padre Américo?...» Laurindo foi o servidor.

Anteontem, um homem de meia idade. Eu estava com Padre José Maria arrumando vidas da nossa vida. Cumprimenta delicadamente. A cara não parecia desconhecida. Mas não sabíamos donde. Disse, também, ao que vinha. Eram livros! «Quero os livros de Pai Américo». Abrimos-lhe a porta do nosso escritório e encaminhamo-lo para o ex-«Caixa d'Óculos». Soube, depois, que lhe pousou nas mãos, discre-

tamente, nota graúda. E Laurindo ficou espantado. Tanto, que me segredou maravilhas de que deu fé. «Disse que não tinha troco. Pois fica assim!», respondeu o nosso visitante. O episódio calou fundo na alma de ex-«Caixa d'Óculos», pela simplicidade e despreendimento do gesto, a par do interesse pelas obras que Pai Américo legou e estão produzindo santa inquietação entre os leitores do «Famoso».

Ora reparem no entusiasmo desta amiga, de Lisboa:

«Seguiu pelo correio um postal registado em nome de meu marido. São os 100\$ habituais e juntei mais 50\$00 para o precioso livre «Obra da Rua» que há bastante tempo recebi, mas só agora cheguei à conclusão que estava em dívida convosco. Eu explico: recebi o livrinho (o diminutivo é pelo carinho e não pelo tamanho!) no Verão, mas como não o pedira e ele vinha em meu nome sendo o nome de meu marido que vocês conservam para envio de «O Gaiato», pensei erradamente que alguma pessoa amiga, tinha tido a gentileza de me oferecer e fiquei esperando enquanto ia perguntando àqueles com quem mais privava e que conhecem a «vossa» Obra e os benefícios que ela nos dá. Todavia, ninguém se acusava e eu continuava intrigada! Precisamente há 3 dias fez-se luz no meu espírito.

O ano passado escrevi-vos a pedir os 3 volumes do «Pão dos Pobres» e isto em meu nome; portanto, certamente que olhando o vosso ficheiro se lembraram de me enviar o livro que me faltava para fechar a série com chave d'ouro. Obrigada pela lembrança. Guardo-os sobre a mesa de cabeceira como o missal e leio-o a rezar! «Obra da Rua» é para ler, reler e meditar, semeando lágrimas. As pessoas que mais precisavam de receber as suas preciosas lições são infelizes em que desconhecem a Obra, ou não vos lêem ou se lêem não compreendem e se compreendem não querem alcançar a grandiosidade do seu ensinamento — a herança de Amor de Pai Américo! Tenho sempre à mão estes livros únicos e mergulho neles a minha alma, quando me julgo «infeliz», para me envergonhar de minha «infelicidade!»

Ó sabedoria!

Mais uma presença viva. É de Longa (Tabuaço):

Padre Luiz Continua na QUARTA página



PELAS CASAS DO GAIATO

CALVÁRIO

* **NOVEMBRO** — Nos dias 1 e 2 há grande azáfama junto e dentro dos cemitérios. A Santa Igreja manda que seja o mês de Novembro dedicado às almas dos que nos antecederam.

Por devoção, ou tradição, vem tudo levado a esses recintos para sufragar com preces antes queridos. Ou então levados outros por simples rotina.

Flores naturais ou artificiais, adornos dos mais variados tons: velas ou archotes, tudo contribui para que nesses dias se recordem pessoas que não tendo deixado neste mundo nada a não ser os sofrimentos que o próprio mundo lhes deu, a tantos deles. Muitos sim: os nossos do Calvário não!

Foi por esses que nós fomos a um dos cemitérios aonde estarão para cima de 80 desses que embora de sangue não pertencessem a nenhum dos que lá fomos, nem por isso os deixamos no esquecimento. Deixaram-nos a certeza de que vale a pena sofrer, ainda que duramente, como tantos, que foram daqui do Calvário, para esses locais, e tão marcados vinham em corpos e almas por causa do egoísmo dos homens, do mundo.

A nossa visita às suas campas não foi para cumprir uma tradição, e muito menos, rotinar. Mas, isso sim, pedir naquele sagrado local que as almas desses nossos irmãos tenham o repouso que merecem. Devem ter ficado contentes com as nossas vozes a pedirem por elas. E lá as deixamos: mas confiantes, em que decorridos

mais uns tempos possam vir repousar no nosso «Campo Santo»!

Para os que nele já repousam (19) foi o acto maior da nossa fé: A Santa Missa!

Para além de tudo isto procurámos ganhar coragem pois tudo neste mundo acaba. E renovar a esperança e a confiança no Autor da Vida e da Morte de que um dia nos veremos todos mais satisfeitos e alegres porque Ele terá Misericórdia de nós!

* **A PALAVRA SOFRER** — Por diversas vezes temos verificado que, à parte certas deficiências morais, há aqui doentes que em circunstâncias como aquela que verifiquei se sabem explicar de maneira que não parece possível à primeira vista.

Um deles encontra-se rodeado de pessoas vindas até aqui que não têm a noção exacta do que seja isto. A vislumbra paráliticos em redor acentuada e exemplificava melhor o que esse homem tentava explicar como sabia o que é o Calvário.

Doenças ocasionais ou por acidente não seria desejado. Mas disformidades...

Mas, eis a conversa que surpreendi. Começou um visitante:

— Para que é que Deus permite estas coisas?

Resposta pronta:

— Ele lá sabe!
— ...A gente ao ver estas coisas põesse a pensar se é mesmo Deus que consente que aqui se sofra tanto?

— Tudo isto permite para fazer bem aos que não sofrem coisas mais pungentes!

— Não seria melhor Deus levar tanta criatura, do que estarem a sofrer?

— Cristo também sofreu e morreu por nós!!!

Quem contesta esta verdade? Por Ele tudo valerá a pena.

* **OBRA DA RUA** — O Bernardo, é um dos casos típicos do Calvário, de quem já ouviram dizer ou leram que veio de Angola. Apesar de parálitico dos membros inferiores nem por isso deixa de estar contente junto de nós. Graças a Deus tem mãos válidas que quando ele tem vontade, fazem coisas de jeito. Temos provas disso mesmo. E os leitores que já possuem o último livro editado terão a certeza que ele pode ser útil. Por que à parte uma temporada em que foi ajudado por duas doentes pode-se dizer que foi ele quem arcou com o trabalho de coser os livros.

Sabemos que toda a gente que lê o livro delira com a prosa inconfundível de Pai Américo. Se por vontade de Deus fosse ainda vivo haveria de acrescentar mais páginas; o que era perdido foi encontrado e reabilitado! Não espere... requisite já o livro!

Manuel Simões

III

Lar do Porto

* **CONFERENCIA** — Apesar de o nosso cronista se ter ido embora há quem escreva; melhor ou pior mas há, unidos num ponto, o mesmo fim.

As finanças da nossa Conferência estão em baixo. Não podemos manter os nossos Pobres, sem uma mão, uma ajudazinha, com um pouco de sacrifício e, principalmente agora no Natal, porque apesar de paupérrimos, queremos dar-lhes um pouco de alegria, ver despoitar um sorriso numa casa, onde a pobreza impera e a esmola sustenta.

É triste, muito triste, ter de passar uma festa, onde correm as melhores iguarias, sem nos lembrarmos que em casa dos Pobres, correm lágrimas e desesperos por não ter que dar a seus filhos e a eles próprios. Façamos nosso este mal-estar e tentemos dar um pouco de alívio e de conforto a essas almas que tanto precisam e nada têm. Como não temos meios de que nos servir, recorremos aos nossos estimados leitores, pedindo-lhes que nos ajudem.

Precisávamos de um aparelho auditivo para um dos nossos Pobres e um colchão para outro.

Roupas, dinheiro, ou qualquer outra coisa, mandem-nos para a nossa Conferência do Lar do Gaiato — Rua D. João IV, 682 — Porto.

Desde já nos despedimos apelando para que se não esqueçam dos nossos Pobres.

Ruël Dias

III

BENGUELA

* **OBRAS** — O depósito para a água continua a subir, mas pouco. Agora é preciso isto, depois aquilo, etc... E o Sr. Padre Manuel «com muito custo», mas sem custo nenhum, lá vai buscar o necessário. Eles dizem: «Levem e paguem quando puderem...».

* **CARPINTARIA** — Já pronta, continua metendo obra na Casa-Mãe. Eu, a fazer os bancos; Victor — vindo de Paço de Sousa, mas que começou o ofício aqui — a proggar rede moquiteira para umas casas de uns pobres; o Galinho e o Zé Roxo, andam junto dos carpinteiros no assentamento de aros e no que for preciso.

* **SERRALHARIA** — João Mourato e os seus homens de amanhã estão fazendo, ora grades, portões, grades

para varandas, etc... Tudo isto para a Casa-Mãe e Oficinas.

* **ALFALATARIA** — Corre tudo bem, não lhes faltando trabalho. Ultimamente têm feito fatos-macacos para os rapazes e batinas para o Sr. Padre.

* **SAPATARIA** — São só dois rapazes da Casa, com um mestre de fora. É fácil de explicar: Almerindo na tropa e... temos de nos remediar com o que vamos tendo. A princípio os dois não queriam este ofício, mas agora, parece que estão mais metidos no assunto.

* **FUTEBOL** — Começou nova época de futebol, começando também a época de nossas vitórias. O sábado de tarde em nossa casa será preenchido com treino do dito, e aos domingos jogos. Em quatro jogos, três vitórias e um empate. Já somamos sete pontos contra um. Nos dias 1 e 3 de Dezembro, vamos ser colaboradores de um torneio quadrangular, em que se disputam duas taças. Nada mau...

* **LAVOURA** — Acabada a colheita da batata, há que começar a tratar das bananas, pois estas também vão dando alguns lucros.

* **INSTRUMENTOS** — Em tempos pediram uma viola ou algo para esta. Deixaram a coisa quase a morrer, e eis que venho ainda a tempo de vos dizer que da Catumbela vieram 500\$ para a dita: alguém prometeu uma sem ser eléctrica. Sr. Padre Manuel já comprou uma viola, mas ela precisa de ser paga. Por isso amigos, juntem algum aos quinhentos escudos! Cá esperamos a vossa boa generosidade.

João Evangelista

III

Paço de Sousa

* Quem diz que o Outono é triste? É belo! Tão belo como a sempre desejada Primavera que enche os campos de flores perfumadas. O Outono dá-nos uma beleza diferente, mas não menos rica! Como é bom percorrer agora os caminhos da nossa Aldeia. Na Primavera há verde. E agora? Agora há o verde ainda, esse verde que nunca se esconde aos nossos olhos, e há também o amarelo das folhas mortas e encarnecidas! Já vês que há um colorido, não como o da Primavera todo cheio de vida, mas há o triste colorido! Nem só o que tem vida nos seduz. Olha as folhas mortas que o vento por compaixão não leva com seu furor, formando tapete em redor da árvore que lhe deu vida! Repara! Repara como é deliciante para os nossos olhos aquele frizo de árvores que sustêm a seus pés as folhas que uma a uma foram morrendo! Ali na nossa avenida! Passei e vi. Isto! Tudo isto!!! Tu que passas, talvez não olhes! Não olhas sequer para

o que estás a pisar! Mas, se olhares para trás... Ah! Sim, então já vês! E... que tal, este Mundo em que vives?!!!

João da Rocha

III

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

* **O QUE RECEBEMOS** — Ainda não são respostas ao apelo da Consoada. O «Famoso» saiu antecorrem... Porém, as migalhinhas que vamos dar nota — em maior número do que na quinzena anterior! — são já bem augúrio, pelo interesse dos nossos leitores. Abençoados interesse! Saibamos, nós todos, corresponder. E que sirva mesmo de estímulo para caminharmos em frente, ainda que surjam espinhos ou escolhos (ou fracassos!) qual terreno que leveda. É o sal, diria Pai Américo.

Recebemos de Carcavelos, esta carta e não resistimos a transcrevê-la:

Envio junto um vale de correio de 50\$00 para o pobre varredor que sofre de doença nervosa. Por falta de tempo só agora li «O Gaiato» de 8 de Outubro passado; mas se o pobre varredor necessitava de auxílio naquela altura com certeza que continua a precisar não é verdade Júlio?

É muito!
Perdoemos um bom amigo do Porto não resistimos a que outros beneficiem também da sua preocupação pelos Pobres:

Fiquei a pensar na minha preocupação em ter o meu spé de meias para acudir a qualquer necessidade. Para quem essa necessidade já surgiu ou surja de repente, não tenho dormido bem ao lembrar-me deles se não têm com que a possa resolver. Para os vossos Pobres vai esta nota novinha que eu tinha guardada, antes que lhe dê a traça. E dêem notícias dos Pobres, porque para aqueles que, como eu, não sabem onde eles estão é uma boa oportunidade de os ajudarmos por vosso intermédio. Peçam a Deus, por intermédio de Pai Américo, a protecção para o meu filho mais novo que não há forma de encontrar um rumo certo na vida. Desculpem a pobreza do meu donativo, mas por agora é o que posso dispor.

De uma admiradora da Obra, 20\$. O mesmo de Cerdeira (Beira Alta), para os vossos Pobres, para que eles nas suas orações peçam ao Senhor pelas muitas necessidades espirituais e temporais. O dobro da assinante 17022, cuja presença é certíssima. Mais 20\$00 de A. F., do Porto e no mesmo estilo da antecedente. Demos graças a Deus! Ainda mais 20\$00 da assinante 31316, de algures. Mais 50\$ da n.º 19034. Finalmente, 30\$00 de um engenheiro dos C. T. T. Todas as vezes que por aqui passa lembra a nossa Conferência!

Não esqueçam, porém, a Consoada dos nossos Pobres!...

E é tudo.

Júlio Mendes

RESPOSTAS AO POSTAL-AVISO da NOSSA EDITORIAL

Continuação da TERCEIRA pág.

«Para liquidação remeto lhes um cheque de 40\$00. Desculpem a insignificância. A semente da palavra de Deus lançada por Pai Américo germinará e dará frutos em abundância logo que encontre terreno favorável. O dinheiro nem sempre é padrão por onde se possa aferir a Caridade. (O autor destas palavras não está em causa — limita-se a fazer uma encomenda para pagamento da qual já recebeu o dinheiro)».

Ainda mais uma carta, das muitas em nosso poder. É da Póvoa de Varzim:

«Sou há muito tempo assinante do vosso bendito jornal. Muito ele me tem ensinado. E esta tem por fim de fazer o obséquio de me mandar os li-

vros «Obra da Rua» e «Pão dos Pobres».

Eu junto envio 50\$00. Não é para pagar. Não há dinheiro que os pague. Mas eu em breve, se Deus quiser, hei-de mandar mais.

É com certeza o jornal que me inspira estas coisas. Eu sou pobre, mas apesar disso sou rica, por que apesar de já ter 74 anos ainda posso trabalhar e ganhar o pãozinho para comer».

Só mais um esclarecimento-zinho. Há quem suponha que o «Obra da Rua» são três livros. Não senhor. É apenas um. O «Pão dos Pobres» é que não: está dividido em três volumes. E ainda há deles para servir muita gente. Assim no-los peçam, que serão despachados logo na volta do correio.

Júlio Mendes



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOCAMBIQUE



O edifício da nossa Colônia de Férias da Ericeira